

a inércia da mudança



Custódio Pais Dias, Diretor

Num mundo em que desde há mais de um século quase tudo depende dos combustíveis fósseis e, talvez, porque contrariar os interesses há muito instalados não seja nada fácil, os decisores políticos mundiais acordaram bastante tarde para a necessidade de alterar radicalmente o paradigma da obtenção de energia, substituindo esses combustíveis por formas menos poluentes de dispor da energia necessária para a nossa vida quotidiana. Embora a ciência, já há muitas décadas, anunciasse que a utilização de combustíveis fósseis iria conduzir à destruição do nosso *habitat*, o certo é que a economia falou mais alto e retardou o mais que pode a alteração do paradigma.

Atualmente, assistimos ao estabelecimento de metas para a alteração do paradigma, que não têm em consideração a inércia da mudança. Essa alteração implica que esteja disponível a tecnologia necessária e que haja uma perceção social favorável a essa mudança. Estas duas vertentes possuem inércias próprias, que não se alteram através de imposições legais.

Dispor de tecnologia apropriada para aproveitar com eficiência fontes energéticas sustentáveis requer investigação de médio/longo prazo, implicando avultados investimentos, cujo retorno financeiro pode só acontecer ao fim de várias décadas. Assim, este tipo de investigação dificilmente é acolhido por empresas privadas, que têm como preocupação fundamental obter um retorno quase imediato dos seus investimentos. Resta, por isso, essa investigação ficar a cargo de entidades financiadas por fundos públicos. Aqui coloca-se a questão do diferente estado de desenvolvimento dos diversos países, se alguns possuem um grau de rendimento *per capita* que lhes permite dispor de fundos para essa investigação, outros não, para já não falar dos muitos países em que a população mal tem rendimentos para a sua sobrevivência, estando, por isso, completamente alheios das questões ambientais, que não são imediatas.

A inércia da perceção social, provavelmente, é ainda maior que a do desenvolvimento

da tecnologia. A evolução das sociedades humanas tem sido feita de rivalidades entre raças, entre povos, entre regiões, entre países e, frequentemente, mesmo entre regiões do mesmo país. Assim, estas rivalidades, que em geral, têm por base a vontade de uns viverem tão, ou mais, confortavelmente do que os outros, embora quase sempre se mascarem com motivos fictícios (raciais, religiosos, culturais, políticos, entre outros), resultam em preocupações sociais quase imediatas, que impedem as populações de tomar consciência dos grandes problemas globais, concretamente, da questão da sustentabilidade do nosso *habitat*.

Estamos, por isso, confrontados com uma equação de resolução quase impossível. Como colocar a população humana do planeta a pensar no bem comum e no longo prazo?

Temos um problema comum, cuja resolução implica a existência de estratégias de longo prazo e isso é praticamente impossível de conseguir. Existem organizações internacionais/globais, mas não têm força suficiente para se sobrepor às rivalidades, nem recursos financeiros para assumir os custos de uma estratégia de desenvolvimento tecnológico de longo prazo. Estamos, por isso, limitados ao estabelecimento de objetivos e estratégias locais/regionais, respeitados por uns e ignorados por outros, que são insuficientes para garantir a cabal solução do problema. ■

“
A inércia da perceção social, provavelmente, é ainda maior que a do desenvolvimento da tecnologia. A evolução das sociedades humanas tem sido feita de rivalidades entre raças, entre povos, entre regiões, entre países e, frequentemente, mesmo entre regiões do mesmo país.